

RESENHA

*Emilio Garofalo Neto**

CARSON, D. A. (Org). *A verdade: como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

Todo crente que vive no século 21 já sofreu a perplexidade que acompanha nossas interações com descrentes pós-modernos. Uma ânsia por desmascarar todo argumento como sendo uma mera tentativa de controlar; uma enfatuada negação de verdades que vinculem a tudo e a todos; um desejo de relegar matérias de fé à esfera da vida privada.

Nosso tempo tem suas peculiaridades, de fato. Mas vale notar que, como o faz em qualquer outra época, o homem pós-moderno no final das contas cria falsos discursos para deter a verdade pela injustiça (Rm 1.18-25).¹ A mentalidade da era vigente é, em última análise, apenas mais uma tentativa de se rebelar contra o Deus que se revela de maneira abundante nas coisas que foram criadas, e que julgará vivos e mortos por meio do varão a quem ressuscitou dentre os mortos (At. 17.31). O pós-modernismo será derrotado pelo Cordeiro de Deus. Mas, já que vivemos aqui e agora, é bom entendermos nosso tempo a fim de sermos melhor equipados para a parte que nos cabe na peregrinação. Aqui temos uma boa ferramenta. O livro *A Verdade: Como Comunicar o Evangelho a um Mundo Pós-Moderno* busca ser um manual que ajude cristãos, em particular aqueles em posição de liderança, a navegarem as águas traiçoeiras da contemporaneidade.

* O autor tem Ph.D. em Estudos Interculturais pelo Reformed Theological Seminary, em Jackson, Mississippi. Leciona teologia sistemática no Seminário Presbiteriano de Brasília. É professor visitante no CPAJ, na área de teologia pastoral, devendo em 2018 assumir a posição de professor residente. Pastoreia a Igreja Presbiteriana Semear, em Brasília.

¹ As citações que Mark Dever apresenta de Aldous Huxley são excelentes em mostrar o descrente e seu jogo de esconder a verdade (ver p. 155-157).

A obra reúne uma ampla coletânea de artigos buscando lidar com facetas diversas da árdua tarefa de comunicar a verdade do evangelho num tempo em que a própria ideia de verdade parece perdida. O teólogo D. A. Carson é o organizador do livro e a gama de autores é bem variada, indo de acadêmicos a pastores em tempo integral e passando por obreiros em sociedades para-eclesiais labutando no território estudantil. O livro é resultado de uma conferência sobre o assunto realizada em 1998 na Trinity Evangelical Divinity School, em Chicago. As palestras foram convertidas para o formato de livro e publicadas na língua inglesa em 2000. São cerca de 30 colaboradores. Alguns artigos são longos, com mais de 20 páginas, enquanto que outros não chegam nem a 10.

A obra já é um tanto antiga, relativamente falando, é claro. Palestras produzidas quando o mundo eclesial estava ainda acordando para o pós-modernismo, e, embora isso não a invalide ou inutilize, é curioso ver algumas referências culturais que foram utilizadas e que hoje não são mais tão conhecidas, como as diversas menções a filmes como “Titanic”. Boa parte do que era novidade em termos de relativismo cultural hoje já é lugar comum. Algumas estatísticas agora já têm quase vinte anos. Além disso, alguns autores falam sobre estarmos numa encruzilhada urgente e decisiva.² É claro, se a encruzilhada era decisiva quase vinte anos atrás, será que já mudou a situação? Além disso, algumas ideias que eram bem novas na época do evento agora já se tornaram lugar comuns e bem reconhecidas de quase todo crente ocidental. Nada que prejudique demasiadamente a leitura, mas a obra fica um pouco datada. O leitor pode comprar o livro com a impressão de se tratar de um livro mais atual, contendo as últimas ideias e investigações sobre o assunto, quando na verdade é um retrato do termômetro teológico utilizado há quase vinte anos. Grandes eventos como a intensificação global do terrorismo islâmico, a massificação de internet de alta velocidade e outros fatos recentes por certo mudaram alguns elementos importantes no nosso entendimento de como ministrar no mundo contemporâneo. De qualquer maneira, há uma grande quantidade de informação útil e perspicaz.

O âmago do livro é ajudar o leitor a se tornar mais equipado e atento na hora de comunicar a palavra de Deus num tempo em que até mesmo a existência da verdade não se dá mais como certa. A obra é organizada em oito partes, com artigos que cobrem razoavelmente bem cada sub-tópico e apontam onde encontrar mais recursos.

A Primeira Parte contém as palestras plenárias de Ravi Zacharias, que lidam com o assunto de uma forma introdutória e bastante útil. Na primeira palestra ele trata de algumas das grandes mudanças culturais advindas com a

² Num artigo que discute o ministério entre asiáticos na América do Norte, o autor fala sobre estarem num limiar cultural (p. 261). O quanto mudou nessas quase duas décadas?

pós-modernidade. Na sua segunda palestra/artigo, Zacharias lida com Atos 24 e busca paralelos sobre a situação do apóstolo Paulo diante de Félix e a nossa diante de um mundo incrédulo. Vale a leitura: Zacharias é um teólogo astuto e um bom observador da cultural global. O texto é permeado de referências a pensadores como Os Guinness e C. S. Lewis.

A Segunda Parte lida mais com a filosofia e a história do pós-modernismo (abordando Rorty e Foucault, por exemplo), sendo um belo lugar para a orientação do novato quanto ao tema. O linguajar é acessível e mesmo as discussões um pouco mais técnicas são tratadas com propriedade. Mesmos os leitores que, como eu, não tenham educação formal em filosofia perceberão com tranquilidade as mudanças epistemológicas envolvidas na cosmovisão pós-moderna. Talvez seja esse o maior valor do livro: tomar um tema denso e fazê-lo palatável e útil para o crente comum. Para quem já é versado em estudos de filosofia ou cosmovisão, algumas discussões serão relativamente repetitivas, mas ainda assim as partes de implementação ministerial tornam o livro valioso.

A Terceira Parte envolve o que se chama de “tópicos críticos”. São seis artigos que tratam de questões como epistemologia (James Sire), a singularidade de Cristo (Ajith Fernando) e a importância e dificuldade de tratar do pecado no mundo pós-moderno (Mark Dever). Aliás, o texto de Dever é um dos melhores do livro, e ainda aponta ótimas informações bibliográficas para quem quiser saber mais.

Os artigos dessa seção são em geral bastante úteis. Por vezes, entretanto, um artigo começa de forma promissora e depois desaponta. É o caso de Philip Jensen e Tony Payne, que lidam com a teologia bíblica e a maneira como a pregação fortemente enraizada nela pode ser particularmente útil no nosso tempo que tem forte suspeita contra metanarrativas. A ideia do artigo é boa a princípio, mas os autores tentam ser práticos em exemplificar e acabam se perdendo um pouco, no final das contas apenas descrevendo o método que têm utilizado em seu contexto australiano. Já Colin Smith lida bem com o tema da pregação cristocêntrica, inclusive utilizando João Calvino e a noção do duplo conhecimento. Smith afirma que a pregação precisa expor ao pecador sua real situação antes que ele sequer entenda sua necessidade de Cristo.

A Quarta Parte é curta e se compõe de dois artigos que abordam passagens bíblicas cruciais para o assunto. O primeiro deles trata de Romanos 3.21-26. O autor, John Nyquist, lida com a doutrina da justificação no contexto pós-moderno, mostrando a importância de continuarmos a tratar da salvação em categorias bíblicas ao invés de ceder às pressões do nosso tempo. De fato, uma teologia bíblica de transformação pessoal, que coloca no lugar certo a justificação e a santificação, é algo que boa parte da geração pós-moderna jamais ouviu. Muitos cresceram em meio ao legalismo e moralismo farisaico de parte da igreja evangélica, e nunca conheceram a liberdade oferecida pela justificação pela fé somente.

Colin Smith lida então com 2 Coríntios 5.1-11 e a ideia do pregador como embaixador. O artigo é bem útil e nos lembra que somos representantes de outro país. Estejamos vivendo num país moderno ou pós-moderno, é normal que estranhemos e que nos estranhem. Precisamos é representar bem os interesses de nosso reino. Smith compara o pregador a um embaixador que recebe um comunicado de seu governo (Escritura) e tem de encontrar a melhor forma de transmitir a mensagem à cultura em que ele habita (contextualização): “Ele lê o texto com duas questões em mente: primeira, o que o governo está dizendo? E, segunda, como expresse isso de maneira que essas pessoas compreendam” (p. 200).

A Quinta Parte lida com o tema “igreja, universidade, etnia”. Autores diversos tratam de como o evangelho está conectado à unidade racial e à diversidade étnica, e como essas discussões são relevantes em nosso tempo. Essa seção tem material relevante, mas algumas discussões são mais relevantes para o contexto imediato norte-americano.

No primeiro artigo da seção, Philip Jensen e Tony Payne tentam apresentar um modelo que conecte o alcance evangelístico da igreja com trabalhos realizados na universidade. Há algumas boas ideias, e os autores entram na espinhosa discussão sobre trabalho da igreja versus trabalho paraeclesiástico. Eles advogam ousadamente que paremos de chamar tais ministérios de paraeclesiásticos, sugerindo que eles são tão igreja quanto as denominações em si.³ Sugerem que essa separação é danosa, insistindo que movimentos como Navegadores⁴ e Cruzada Estudantil têm natureza tão eclesiástica como as diferentes denominações, com membros fieis e ativos na vida cristã. Os autores do artigo sugerem que esses grupos deveriam começar a se reunir também aos domingos e assumir de vez sua identidade eclesiástica.

Penso que eles detectaram aqui uma situação real; mas não entenderam corretamente qual é o problema. De fato, há pessoas que se envolvem mais com sua missão ou grupo paraeclesiástico do que com suas igrejas locais. E isso é ruim. Conheço gente que passou mais de uma década num desses grupos, onde foi convertido. Mas não ia além dessas reuniões semanais. Não se juntava à igreja visível, nem mesmo recebera o batismo. Passava o dia do Senhor longe do povo de Deus. Não estava debaixo de autoridade nem sujeito à disciplina. Se os grupos paraeclesiásticos querem funcionar na prática como igreja, que

³ “Encontramo-nos na infeliz posição de negar o que somos em essência devido à política eclesiástica. É hora de confessar tudo—a organização paraeclesiástica tem em si bem pouco de ‘para-’. Ela é um movimento eclesiástico. Participa da assembleia celestial de Jesus Cristo e se reúne localmente como sua expressão para ouvir e responder à Palavra de Deus. Ela é uma igreja” (p. 220).

⁴ Aliás, parece que os tradutores não estão cientes de que o grupo Navigators já existe no Brasil, pois consistentemente utilizam a terminologia em inglês, enquanto geralmente traduzem os nomes de outros grupos.

se organizem como tal e obedeçam às ordens bíblicas que Cristo deu à igreja, por exemplo, no que diz respeito a liderança organizada nos moldes bíblicos e ministração dos sacramentos. Os autores desse artigo têm má eclesiologia, bem longe do entendimento reformado. Eles pretendem ainda, por exemplo, dissociar adoração da assembleia solene. Confundem o fato de que devemos adorar em todo lugar e situação, com o desfazer-se das formas históricas de adoração como se fossem mera invenção humana.

A Sexta Parte lida principalmente com o aspecto relacional da apresentação do evangelho. Defendendo a ideia de que os pós-modernos serão ganhos pelo aspecto relacional mais do que pelo apelo proposicional e intelectual, diversos autores apontam caminhos possíveis para que isso ocorra. São três artigos e eles acabam sendo um pouco repetitivos, há grande sobreposição da temática. De qualquer forma, são ideias em geral sadias e bíblicas. Por vezes a teologia dos autores se mostra um pouco problemática. Por exemplo, Ron Bennett, em seu artigo “Evangelização autêntica na igreja local em uma era relacional”, acaba aceitando categorias impostas pelo movimento *seeker-sensitive* e vendo-o como uma alternativa viável (p. 296).⁵ Novamente, vale dizer que o autor tem boas ideias também. A comparação que ele faz entre viver no vale e viver na montanha, por exemplo, é boa e interessante. Há boas discussões, mas algumas delas não passam de conselhos práticos baseados na experiência do autor, o que pode ser útil ou não.

A Sétima Parte tem sete artigos que tratam de estratégias e experiências diversas de implementação de trabalhos que buscam atingir a geração atual. Há forte ênfase em lidar com o tema de evangelismo e discipulado no contexto universitário. Embora haja boas ideias, penso que um modelo melhor é um que não está no livro, aquele desenvolvido nos Estados Unidos pela Reformed University Fellowship (RUF), um braço da Igreja Presbiteriana da América (PCA) que não compete ou concorre com a igreja, mas é um braço da igreja que atua nos campi universitários do país.

Mais uma vez surge o problema do relacionamento entre igreja e ministérios diversos. Um exemplo é Mike Tilley em seu artigo que diz que cabe a eles da Cruzada Estudantil, ainda que não exclusivamente, cumprir o mandato da Grande Comissão e de Atos 1.8 (p. 367). Ora, mais uma vez aparece o problema do paraeclesiástico querendo ser igreja. Querem uma suposta leveza de seguir sem muita estrutura formal e sem uma confissão de fé, mas acabam de certa forma tomando para si prerrogativas eclesiásticas. Se desejam seguir o conselho do artigo de Jensen e Payne, então precisam levar a sério ordens bíblicas como batismo e disciplina eclesiástica. Mais uma vez há confusão

⁵ Sobre o assunto, ofereço humildemente meu artigo “Antes só do que mal acompanhada: o risco de casar-se com o espírito de seu tempo—uma análise das propostas de revitalização de igreja dos movimentos *seeker-sensitive* e emergente”. *Fides Reformata*, vol. XX, nº 2, 2015, p. 41-69.

entre objetivo e método da missão. Acabam, ainda que implicitamente, tratando ordenanças eclesiais (liderança formal escolhida pela membresia, sacramentos, disciplina, interconectividade e interdependência) como se fossem meros estorvos que prejudicam a agilidade da missão. É um pouco cansativo ver líderes paraeclesiais se colocando como a linha de frente da missão e reclamando da suposta burocracia e inércia da igreja, enquanto eles mesmos veem a missão de maneira muito restrita e não sujam as mãos com as longas horas de pastoreio, discipulado e disciplina.

De qualquer maneira, há ideias boas e proveitosas nessa sétima parte, inclusive o entendimento de que a comunidade cristã como um todo deve se envolver no evangelismo e no modelar da vida. Há grande dificuldade em abandonar não somente as ideias rebeldes a Cristo, mas o próprio estilo de vida e comunidade associados à rebeldia. No livro *Pensamentos Secretos de uma Convertida Improvável*,⁶ Rosaria Butterfield insiste nesse aspecto. Tendo ela mesma saído do homossexualismo e do ativismo feminista, mostra como foi duro deixar a comunidade em que encontrava tanto significado. Embora a seção seja benéfica, o livro acaba ficando demasiadamente enviesado em direção ao ministério no campus e na academia universitária. É claro, o evento que originou esse livro teve esse foco, mas faz falta o pensar do assunto em outros contextos.

A Oitava e última parte tem duas plenárias de encerramento, sendo que a de Carson é particularmente útil, tratando de Paulo em Atenas (Atos 17) e sua aplicabilidade para nossos dias. Carson se sai bem, mas ainda prefiro o tratamento de Cornelius Van Til e de Scott Oliphint sobre o assunto.⁷

Como livro composto de artigos diversos, a qualidade varia. Há alguns artigos excelentes como os de Carson. Outros são bem fracos ou rasos. Há outros que não são ruins, mas apenas não estão no mesmo nível. Há textos de cunho mais acadêmico e outros intencionalmente planejados para serem mais parecidos com uma conversa informal. Como fruto de uma conferência, talvez fosse inevitável haver certa sobreposição de assuntos, mas ainda assim fica por vezes um tanto cansativo.

Enfim, embora todo cristão possa tirar benefício desse útil livro, ele é especialmente indicado para os que labutam na arena da comunicação formal da palavra de Deus, sejam eles pregadores, professores ou mesmo aqueles envolvidos em discipular e formar a mente de um mundo que se rebela contra o conhecimento de Deus. A obra se junta a diversos outros títulos em português

⁶ BUTTERFIELD, Rosaria. *Pensamentos secretos de uma convertida improvável*. Brasília, DF: Monergismo, 2013.

⁷ VAN TIL, Cornelius. *Paulo em Atenas*. Brasília, DF: Monergismo, 2016; OLIPHINT, Scott. *A batalha pertence ao Senhor: o poder da Escritura na defesa da nossa fé*. Brasília, DF: Monergismo, 2013.

que ajudam o cristão a lidar com a pós-modernidade. Dentre os ainda não traduzidos, penso que o livro de James K. A. Smith, *How (Not) to Be Secular*, seja particularmente útil.⁸

A encadernação é boa e resistiu bem a minha leitura e marcações diversas. Capa bonita e livro prazeroso de manusear. Não notei grandes problemas na tradução e revisão. A editora Vida Nova está de parabéns pela publicação. *A Verdade* é um livro útil, ainda que tenha partes bem mais fortes que outras. Recomendado!

⁸ Grand Rapids: Eerdmans, 2014.